



REVISTA
DE
CULTURA
VISUAL

Narrativas Oraís de Histórias de Vida no Jornalismo: usos e apropriações

João Bruno Rocha de Souza

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo compreender como as narrativas orais de história de vida podem ser apropriadas pelo jornalismo. As narrativas orais de história de vida relacionam duas perspectivas e fazem um cruzamento entre biografia e história. As potencialidades do uso de tais narrativas se encontram justamente no fato de elas poderem ser utilizadas fora do meio acadêmico, como nos meios de comunicação, por exemplo. Para a análise, tomo como objetos empíricos o filme *Narradores de Javé* e a reportagem *O Homem-Estatística*, fazendo deles elementos a partir dos quais busco encontrar traços que indiquem modos de aplicação da história oral e história de vida. A ideia é também trazer uma proposta de revisão do trabalho do jornalista, resgatando o fator dialógico da produção de reportagens, um tanto esquecido. Por fim, sugiro como o jornalismo pode se apropriar dos métodos estudados, apontando para uma perspectiva mais subjetiva do fazer jornalístico.

Palavras-chave: narrativas orais; história oral; história de vida; jornalismo; reportagem.

Abstract:

This study aims to understand how oral narratives of life story may be appropriate for journalism. Oral narratives of life story relate two perspectives and make a cross between biography and history. The potential use of such narratives is precisely the fact that they can be used outside of academia, in the media, for example. For the analysis, I take as empirical objects the Storytellers film *Narradores de Javé* and the report *O Homem Estatística*, making them elements from which I seek to find traits that indicate application modes of oral history and life story. The idea is also



to bring a proposal to review the work of the journalist, rescuing the dialogical factor of production reports, somewhat forgotten. Finally, I suggest how journalism can take ownership of the methods studied, pointing to a more subjective perspective of journalism.

Keywords: oral narratives; oral history; life history; journalism; report.

Introdução

Refletir sobre a presença e uso das narrativas orais, memórias e histórias de vida no processo de produção e de redação de textos jornalísticos pode levar a discutir questões até mais amplas sobre a diversidade das formas das narrativas jornalísticas. Tal interdisciplinaridade é uma forma dos jornalistas, vistos como construtores da realidade social reverem as suas rotinas produtivas, no sentido de assumirem outras metodologias de investigação e reportagem (Caprino & Perazzo, 2009).

As possibilidades de usos da história oral e das histórias de vida pelo jornalismo são inúmeras e nos vários momentos da produção: desde o processo de entrevistas e obtenção de informação até o tratamento dado ao que foi coletado pelo repórter na sua relação com o entrevistado. Além de ajudar a refletir sobre o processo de entrevista e construção do texto jornalístico, retomando o caráter de interação humana e diálogo, as narrativas orais da história de vida podem ajudar os jornalistas enquanto modernos contadores de histórias, como qualifica Traquina (2005).

Deste modo, este artigo discute o uso de narrativas orais de histórias de vida como matéria-prima de reportagens jornalísticas. Procura-se identificar os passos de como elas podem se tornar relatos noticiáveis. A intenção surgiu a partir do filme *Narradores de Javé*, que conta a história da fundação de uma pequena cidade nordestina tal como os moradores da cidade se lembram que aconteceu.

E se isso (o processo de coleta de narrativas orais mostrado no filme) fosse apropriado na construção de uma reportagem? E se usassem narrativas orais para redigir um texto jornalístico? Não parece muito distante o trabalho do jornalista do trabalho do antropólogo, por exemplo. Seria o repórter fazendo quase um trabalho etnográfico na confecção da reportagem.

Discutir a aproximação e o relacionamento das narrativas orais de histórias de vida no jornalismo passa a ser então, aqui, discutir também o aprimoramento da produção jornalística e a reconfiguração deste processo. Rever o fazer jornalístico, principalmente o impresso, que se vê em crise, torna-se uma necessidade. Por isso é grande o número de discussões de novas formas de fazer jornalismo, tanto no que diz respeito a



ferramentas e novas tecnologias, como também no que tange a novas metodologias usadas na produção jornalística.

O que se pretende aqui é tomar o filme e uma reportagem da jornalista Eliane Brum, publicada originalmente na revista *Época* e depois no livro *O Olho da rua*, como referências na análise, por vezes comparando ambos e, em certa medida, contestando a partir desses dados empíricos a prática jornalística hegemônica. Embora o filme seja uma ficção e não represente propriamente o trabalho de um repórter, pareceu eficaz naquilo que defendo ser o processo de produção de uma grande reportagem. Tanto no jornalismo quanto na história oral, o trabalho começa com a escolha de um tema, uma pauta, em que se deve fazer perceber a relevância social da questão. O tema precede da escolha de personagens que vão nos contar o fato acontecido. Aí entra o que, para mim, parece essencial: a história de vida de cada personagem. Neste sentido, a atividade do jornalista e do historiador parecem muito próximas. Longe de se limitar a uma biografia, a história de vida aqui pode dar subsídios importantes para a contextualização do acontecido, deixando de lado o caráter unicamente factual e objetivo do jornalismo – mas nem por isso menos informativo –, e priorizando a forma subjetiva de contar.

Inevitavelmente, neste sentido, o artigo pretende sugerir também o processo de entrevista como dialógico e aí, mais uma vez, são bastante úteis tanto o filme como a reportagem – inclusive trechos dos bastidores desta, que Eliane descreve em anexos no livro. Aliás, a comparação entre ambos serve para apontar o que vai sendo buscado no decorrer do trabalho, que é compreender a entrevista como um ponto de possível aproximação entre jornalismo e história oral. Tem-se em consideração que qualquer apuração jornalística depende de entrevistas e que cada vez mais ela é negligenciada por profissionais apertados com o tempo corrido da redação.

Para a análise usa-se de marcas comuns nos dois objetos que remetem aos elementos desenvolvidos pela história oral e história de vida. Um desses elementos a que o artigo se deteve foi ao uso recorrente e fundamental da memória tanto na elaboração do próprio roteiro e argumento essencial do filme, quanto no desenvolvimento da reportagem de Eliane Brum. Outro ponto crucial para análise foi o modo de construção das narrativas – tanto pelos personagens ficcionais do filme, quanto pelo personagem principal da reportagem, que revelam de que maneira a narrativa de vida pode ajudar a construir uma identidade pessoal, apresentando pormenores de um contexto social maior que pode servir de base para o entendimento dos percursos históricos daquilo que está sendo relatado. No caso do filme, as histórias de vida servem para explicar a fundação da comunidade de Javé, e na reportagem a história de Pankinha elucida para a repórter o desenvolvimento da pobreza no cenário brasileiro atual.



1. Narradores de Javé

O filme *Narradores de Javé* conta a história de um povoado no interior do Brasil que corre o risco de sumir do mapa por conta da construção de uma barragem. Quem narra é Zaqueu, uma espécie de líder comunitário de Javé. Tudo começa com a comunidade indignada pelo iminente desaparecimento da cidadezinha. Entre reuniões com moradores e conversas com as autoridades e engenheiros envolvidos na construção da barragem, Zaqueu chega à conclusão de que a única maneira de impedir a inundação de Javé é transformá-la em patrimônio histórico. Para isso seria necessária a elaboração de um relatório científico, que deveria ser reconhecido pelas autoridades. Contar a história da cidade e mostrar os grandes feitos dos "heróis" de sua fundação era a grande ideia para evitar o fim daquele povo, que seria expulso pelas águas. Isso parece tarefa fácil, não fosse o fato de toda a comunidade ser analfabeta, com exceção de Antônio Biá, personagem fundamental do filme e do presente trabalho. Biá havia sido expulso de Javé na época em que trabalhava nos correios, já que, com medo de perder o emprego por causa do pouco movimento que havia nos correios da cidadezinha, começou ele mesmo a movimentar o fluxo de correspondências, escrevendo cartas para parentes e amigos seus de povoados vizinhos, difamando os moradores de Javé. Agora Biá havia sido chamado de volta e em outra situação: era o único que podia salvar Javé. Por ser o único que sabia escrever, foi confiada a ele a missão de registrar a memória dos moradores de Javé e 'contar' a história do povoado. A mobilização foi geral, a população se convence que Javé tinha valor histórico e muito por conta dos feitos 'heróicos' dos seus fundadores. É então que os moradores buscam na memória os feitos dos primeiros habitantes da cidade e passam a narrá-los a Biá. O enredo começa a se desenrolar quando o ex-carteiro passa a visitar os moradores mais antigos e influentes da cidade em busca de relatos sobre a criação da cidade. Acontece que cada um queria contar a história à sua maneira. A maioria dos entrevistados atribui a fundação da cidade a Indalécio, um corajoso sertanejo que havia conduzido até o local o povo fugido da guerra contra a Coroa. Por outro lado, as personagens femininas, por exemplo, priorizam com entusiasmo a participação fundamental da "valente" Maria Dina, na história da origem de Javé.

Aqui já é possível fazer alguma indagação: e se o processo de coleta de relatos para escrever o documento oficial da fundação de Javé fossem entrevistas para a confecção de uma matéria jornalística? Os relatos narrados pelos moradores no filme são fatos, acontecimentos passados que servem de base para o texto de Biá. Caso semelhante aconteceria em um trabalho de campo, em que o jornalista repórter precisaria ouvir, de quem presenciou os acontecimentos, para poder contar na matéria o que se passou nos



anos iniciais de Javé. Ou, como diria Walter Benjamin (1994), o jornalista precisaria se aproximar mais de quem "experenciou" as ações de fundação da cidade, recontando e criando novos sentidos, e, portanto, narrando as experiências dos personagens para criar a sua reportagem.

Para Resende (2009), o ato de narrar provém do estabelecimento de modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive. Quando cada personagem do filme conta a partir de sua própria perspectiva os acontecidos de fundação da cidade, eles o fazem de acordo com um propósito. Baitello Jr. diz que: "Narrativizar significou e significa para o homem atribuir nexos e sentidos, transformando os fatos captados por sua percepção em símbolos mais ou menos complexos, (...), em encadeamentos, correntes, associações de alguns ou de muitos elos sígnicos" (Baitello, citado em Resende, 2009: 34)

Os personagens do filme, assim como os de qualquer reportagem jornalística, são dotados de uma predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade. Luiz Gonzaga Motta afirma, porém, que

narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas, uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos. (Motta, 2013: 2)

Para melhor expressar a discussão proposta por este trabalho, da utilização, pelo jornalista, da memória e dos relatos orais de histórias de vida, usa-se também uma reportagem da jornalista Eliane Brum, retirada do livro *O Olho da Rua* (2008).

1.2. O Homem-estatística

No livro *O Olho da Rua*, Eliane nos apresenta dez reportagens feitas durante o seu trabalho como repórter na revista *Época*, e confessa, logo na apresentação, que o livro é uma "confissão de fé na reportagem, aquela que vai para a rua se arriscar a ver o mundo" (Brum, 2008: 14). O livro, segundo a autora, tem a intenção de ser lido por qualquer pessoa que goste de boas histórias "tão reais que parecem inventadas" e também tem a função de se apresentar para jovens estudantes de jornalismo e iniciantes na profissão como sendo um manual que elucida algumas dúvidas sobre como exercer da melhor maneira a profissão. Claro que longe de ser um livro técnico (a



própria Eliane admite ser “alguém que tenta viver duvidando o tempo todo das certezas”), no prefácio, escrito pelo também jornalista Caco Barcelos, os métodos de pesquisa da autora são exaltados justamente por serem “o avesso da dinâmica tecnoburocrática predominante” (Brum, 2008: 11).

Falando mais especificamente da reportagem escolhida para o presente artigo, *O Homem-estatística* conta a história de Hustene de Alves Pereira, mais conhecido na vizinhança como Pankinha. Hustene, 42 anos, é filho de retirantes, que nos anos sessenta saíram do Rio Grande do Norte para Osasco, São Paulo. Ele de repente, se ‘descobre pobre’ quando percebe que já não pode ir ao supermercado comprar os produtos que foi, durante toda sua vida, ensinado a desejar. Como a maioria dos migrantes nordestinos, o pai Raimundo havia saído de sua terra natal com o simples desejo de “mais água e menos fome”, e acabou se tornando metalúrgico em São Paulo. (Podemos inclusive arriscar que esse talvez fosse o destino provável de alguns moradores da fictícia Javé, depois da inundação da cidade).

Eliane Brum havia sido encarregada de fazer uma reportagem sobre pobreza e começou a tentar elaborar uma forma de abordar o tema que ainda não tivesse sido esgotada pelos noticiários da época. Era 2002, o também metalúrgico Lula disputaria a sua quarta eleição e o número de desempregados só aumentava, enquanto o salário de quem conseguia se manter no emprego diminuía. Hustene lhe apareceu ‘por acaso’, em uma pausa para um café na casa do motorista da redação: “nos reconhecemos. Eu era a repórter em busca de um personagem. Ele era o personagem em busca de alguém que contasse sua história” (Brum, 2009: 150). Eliane começa a contar a trajetória de Hustene a partir de relatos que ouviu dele, mas sem esquecer os relatos complementares da sua esposa Estela e dos seus filhos, que ajudam a revelar a história desse cidadão invisível, só lembrado às vezes como um número nas estatísticas.

Foi justamente a possibilidade de narrativa do cotidiano que Eliane buscava quando resolveu começar pelo óbvio e se perguntou “quem são os pobres em 2002?”. Foi também essa a premissa levada em consideração ao escolher tal reportagem para análise: a de enxergar no corriqueiro e cotidiano uma boa história para ser contada, sem deixar de lado a premissa informativa do jornalismo. Em *O Homem-estatística* descobrimos “quem?”, “o quê?”, “quando?”, “onde?” e por quê?”. Sem esquecer o que Cremilda Medina (1990) chamou de “o diálogo possível”. Eliane, tal qual Biá em *Narradores de Javé*, frequentou a casa dos Alves Pereira e ouviu, como ela mesmo diz, em um trecho bastante revelador e que pode funcionar como guia norteador deste trabalho: “só me comprometo a ouvir. (...) E se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança. E é o respeito



pelo privilégio de entrar em suas casas e ouvir a narrativa de suas vidas que me carrega por toda a reportagem, até a publicação. E depois dela” (Brum, 2009: 151).

Assim como no filme, nesta matéria de Eliane a memória é a peça chave para o desenvolvimento do trabalho. Não fosse isso talvez a história de Hustene não possuísse valor suficiente para ser veiculada nacionalmente, do mesmo modo que talvez não propiciasse um produto jornalístico. Coube à jornalista a tarefa de analisar por diferentes ângulos o que lhe foi posto pela pauta e confrontar com o que Pankinha tinha para lhe contar. Selecionar os fatos relevantes, guardados na memória do ‘entrevistado’, e que podiam lhe revelar o melhor rumo que deveria tomar a sua matéria sobre pobreza e desemprego.

O passado, trazido e atualizado ao presente, é narrativa jornalística ancorada na memória; são representações das antigas lembranças postas ao convívio do novo, do atual. Nesse processo de transformação e recuperação do passado, o jornalismo infunde novas configurações aos fatos pretéritos, incutindo em cada um, interpretações inéditas, observadas a partir de prismas contemporâneos (Berger, 2005: 66). A discussão sobre memória no jornalismo será ainda retomada neste artigo.

2. História de vida e história oral

A noção de História de Vida pressupõe um método que tem como principal característica a preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito. Haguette (1992) refere que o método de história de vida relaciona duas perspectivas metodológicas intimamente, podendo ser aproveitado pelo pesquisador como documento ou como técnica de captação de dados. Tal metodologia prega que o conhecimento do fato só é possível se entendido dentro de seu contexto social, na realidade experienciada. Ou seja, o acontecimento é entendido a partir da história de vida contada pelo sujeito, que nos dá a dimensão total do universo do qual faz parte.

O método prioriza o desejo do entrevistado de contar a sua vida. Na História de Vida é importante que o sujeito se sinta livre para narrar a sua história da maneira que achar melhor – nos moldes da entrevista não-estruturada. Este sujeito vai ser escolhido a partir das relações já desenvolvidas pelo pesquisador no contexto. É a partir da relação que vai sendo estabelecida – o vínculo, a confiança, a construção de sentidos – que o método se desenvolve. A maneira de contar de cada indivíduo oferece percepções outras, que podem dar ao pesquisador subsídios para fazer a ponte entre o individual e o coletivo. Ao se sentir à vontade para contar a sua vida o sujeito fala do processo por ele vivenciado, que está intimamente ligado ao contexto social. Para isso ser possível,



sujeito e pesquisador devem estar situados num mesmo nível e assim construir juntos o processo. Gaulejac (citado em Silva et al., 2007), por exemplo, aponta que o objetivo do método da história de vida é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. A memória deste pode revelar percepções particulares da história. Isso significa que a história de vida contada de acordo com a necessidade do indivíduo pode nos mostrar um aspecto da relação permanente do mundo subjetivo com os fatos sociais.

Isso remete à pergunta: O método biográfico ou de histórias de vida, em sua origem, limitava-se à observação? Será que sua crítica vai no sentido dos métodos estatísticos? O método da história de vida não se refere necessariamente ao subjetivo? Segundo o que afirma Saraceno (1989), parece que não. No que o autor chama de trajetória vital, uma série de dados quantitativos são necessários para reconstruir padrões de comportamento, o que é o objetivo deste enfoque. Mas, ao mesmo tempo, o subjetivo toma seu espaço na análise, na medida em que “es necesaria la reconstrucción de la vida de cada individuo con relación a sus motivaciones, percepciones, interpretaciones y estrategias para la toma de decisiones” (Saraceno, 1989, p. 50). Portanto, pode-se notar que existe também, dentro do próprio campo da Sociologia, uma variação nas interpretações sobre o mesmo método. (Silva, 2002: 29)

O objetivo da história de vida é fazer um cruzamento entre biografia e história. Na realidade, a metodologia propõe o cruzamento de três níveis de contextualização: individual, institucional e macrossocial (Ribeiro, 2015: 78). História de vida não deve ser confundida com história oral. Segundo Sonia Maria de Freitas (2006), a História Oral pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida, história temática. Para captar o sentido de tradição oral, Freitas se vale da definição de Jan Vansina, especialista em tradição oral africana, para quem

uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chaves, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. (Vansina, citada em Freitas, 2006: 19)

A autora considera que, história oral e história de vida não são sinônimos. Freitas (2006) afirma que história de vida é um relato autobiográfico em que a escrita não está presente: “na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo” (Freitas, 2006: 8).

Já no caso de história temática, Freitas (2006) defende que a entrevista possui um caráter de depoimento e segue a partir de um determinado tema. Podendo ser realizada com um número maior de pessoas, um grupo, não abrangendo a totalidade da



existência de um único informante. Desse modo é possível conseguir um maior número de relatos e compará-los apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva.

A História Oral também é um método de pesquisa, mas que se ancora em técnicas de entrevista e outros procedimentos para o registro da narrativa humana. Ela é definida por Camargo que refere: “o mínimo que podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia do jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta” (Camargo citado em Freitas, 2006: 6).

Longe de entender a história como algo relegado ao passado, Freitas (2006) acredita que este é um método que pode fornecer documentação para a reconstrução de um passado recente. Para ela, a História Oral permite ver o presente também como história. É um redimensionamento da história fortemente possibilitado pelos avanços dos meios de comunicação de massa, como a rádio, a televisão e o cinema, enxergando o testemunho oral e pessoal com menos desconfiança. Ela sugere que a reconstrução do passado, baseada essencialmente na voz, evidencia uma ampla construção de signos e convenções produzidos socialmente. Para a autora, “a voz é um elemento em si mesmo. Suas variações dão sentido ao texto transmitido, transforma-o, dando-lhe, muitas vezes, um significado além do que foi meramente dito” (Freitas, 2006: 27).

Diante disso, a autora afirma que com a história oral é possível resgatar relatos e depoimentos de personagens que seriam esquecidos, desprezados pelo discurso do poder. É também aí que o pesquisador encontra a possibilidade de confrontar pontos de vista diferentes ou opostos de um mesmo fato. Tal posicionamento cabe bem ao trabalho do jornalista diante da apuração dos fatos. A coleta de depoimentos de histórias de vida faz parte de um esforço também jornalístico de preservar vozes de sujeitos que sem tal mediação talvez não deixassem qualquer testemunho. Assim, esta metodologia abre novas perspectivas de entendimento do passado recente e ajuda a desvendar o presente, amplificando vozes que dificilmente se fariam ouvir. Uma das maiores potencialidades da história oral consiste justamente em resgatar o indivíduo como protagonista do processo histórico, reativando o conflito entre liberdade e determinismo ou entre estrutura social e ação humana (Ferreira, 2006).

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (Ferreira, 2006: 29)



3. Memória

Aqui faz-se necessária uma breve discussão sobre o conceito de memória, já que a história oral trabalha com o suporte imprescindível da lembrança do vivido. A nossa memória é constituída pelo que vivemos e pela assimilação que fazemos do que o outro viveu, que acaba por se tornar parte das nossas lembranças. A memória, durante um bom tempo, cumpriu um papel fundamental na reconstrução da história e de fatos, quer sejam coletivos, quer sejam individuais. Quando narrada oralmente, é ela que faz a ligação entre presente e passado. História e memória possuem relação direta e não podem ser analisadas separadamente. Essa memória oral é de grande valia na reportagem, porque com ela nos é possível perceber a crônica do cotidiano. Como defende Walter Benjamin,

o grande narrador se enraizará sempre no povo, antes de mais nada nas suas camadas artesanais. Mas como estas compreendem as camadas rurais, marítimas e urbanas nos vários estágios do seu grau de desenvolvimento econômico e técnico, multiplicam-se os conceitos em que se sedimenta para nós o acervo de sua experiência. O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história. (Benjamin, 1994: 60)

Ainda assim é preciso distinguir memória e lembrança do que de fato foi vivido. Há que se considerar neste processo a seletividade e o esquecimento, que não podem ser vistos como uma deficiência no relato, senão mais como uma expulsão proposital das lembranças que incomodam, mas que ainda assim fazem parte da constituição do indivíduo. Selecionar e esquecer são, portanto, manipulações conscientes ou inconscientes, mas que continuam atuando no inconsciente (Ferreira, 2006). Ao lidar com memória, então, o pesquisador se depara com a subjetividade e, portanto, com a credibilidade que muitas vezes contesta a narrativa oral, por considerá-la fantasiosa e passível de falha. No entanto, é importante lembrar que a subjetividade está presente em diferentes tipos de relatos históricos, quer sejam oraís, escritos ou visuais. O que importa é na verdade compreender o porquê da omissão e seletividade das fontes, já que esses aspetos possuem seu próprio significado. O historiador oral (como também o jornalista) precisa captar os silêncios e pausas feitos pela fonte não de maneira a inseri-los tal e qual na sua pesquisa, mas de saber interpretá-los e representá-los como um aspeto revelador do contexto em que se insere a fonte. Às vezes essas marcas narrativas revelam mais dados do que o conteúdo do relato.

Contudo, a memória não se reduz ao ato de lembrar e envolve conceitos vários, como defende Delgado:



o conceito de memória não é homogêneo e conforma-se por múltiplos significados, entre os quais se destacam: ordenação e releitura de vestígios (espontânea ou induzida), relacionada a comportamentos, mentalidades, valores; retenção de elementos inerentes a conhecimentos adquiridos; estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas; evocação do passado, através de reminiscências e lembranças; afirmação de identidades através do reconhecimento da pluralidade e da alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo; atualização do passado no eterno presente; retenção e manifestação, através do ato de lembrar de reminiscências vagas, telescópicas, profundas, transparentes, auto-censuradas, registradas, esquecidas, selecionadas; evocação de utopias, que libertam o homem, fazendo do passado suporte para reconstrução do próprio presente e para construção do futuro; manifestação de identidades – não unívocas, mas plurais, múltiplas e sempre atualizadas; reconhecimento, ou mesmo superação de traumas marcados pela ausência de raízes; reconhecimento de espaços perdidos ou reencontrados. (Delgado, 2003: 17)

Ainda para Delgado (2003), são os acontecimentos da vida em comunidade, ou mesmo os acontecimentos mais solitários, mecanismos para o afloramento das lembranças que constituem a memória individual, local, regional, nacional ou internacional. A memória individual pode fundir-se com a memória coletiva, transformando-se em fonte possível para a produção do conhecimento histórico.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. (Delgado, 2003: 19)

Por isso as narrativas sob a forma de registros orais (ou até mesmo escritos), são ferramentas importantes para a preservação da herança identitária. Além disso, são importantes formas de transmitir de geração para geração, experiências simples de aprendizado da vida humana, mas também grandes acontecimentos da história. É nessa dinâmica de lembrar e contar que o homem pode reconstruir referências.

4. Conjugações metodológicas e análise: novos processos de produção jornalística

A ideia deste trabalho nasce de um questionamento surgido a partir da apreciação do filme *Narradores de Javé*. Diante de uma prática jornalística cada vez mais forçadamente objetiva e superficial, cotidianamente fechada em uma pauta pré-definida que busca unicamente a confirmação dos fatos já levantados, é quase regra para o profissional do jornalismo tentar minimizar a subjetividade dos acontecimentos.



Pensando que o jornalismo deve ser mais que unicamente a cobertura dos fatos e que as pessoas que figuram em notícias e reportagens estão carregadas de subjetividades, tal qual o próprio jornalista que sai a campo procurando “dar conta” da pauta que lhe foi entregue, tenta-se aqui achar pistas que conduzam esse profissional a assumir tal subjetividade, sem deixar de lado a carga emocional contida nos acontecimentos do mundo humano. Afinal, é assim que somos e dessa emoção surgem os acontecimentos sociais.

O primeiro passo foi verificar de que forma o que é retratado no filme podia se aproximar de um trabalho jornalístico, no sentido da relação entre entrevistador e entrevistado. Como já dito, a escolha do filme inicialmente abriu brechas para pensar essa relação a propósito da condução da entrevista. Claro que por se tratar de uma ficção com elementos cômicos, as principais cenas e as que chamam a atenção são de certa forma caricatas, mas exemplificam bem o que se tenta compreender a princípio.

Em resumo, um dos personagens principais do filme, Antônio Biá, visita a casa das pessoas procurando descobrir os acontecimentos por trás da fundação do povoado de Javé. É basicamente um trabalho de escuta, sem a condução característica quase sempre encontrada no jornalismo. Isso é possível no jornalismo? E se sim, como proceder? Para responder a tais questões a base, como ponto de partida, é o que Cremilda Medina defende em seu livro *Entrevista-O Diálogo Possível*. Assim é possível, em uma análise inicial, entender de que forma, tal qual acontece no filme, um jornalista pode sair da mera constatação e se deixar abrir para aquilo que o entrevistado tem a contar. Se apropriando assim da história para além dos fatos, o repórter, até sem se dar conta, pode ter em mãos uma bela narrativa com muita emoção (Medina, 1990).

O filme, como o próprio nome diz, é centrado na história oral contada de memória e repassada de geração em geração pelos moradores em forma narrativa. Sendo assim, em seguida, o caminho natural foi verificar como se desenvolve uma narrativa jornalística. Para tanto foi necessário um segundo objeto de análise, já que o filme não retrata o trabalho de um repórter e nem é um produto jornalístico. Assim, este artigo analisa também, de forma a tentar uma abordagem comparativa, a reportagem *O Homem Estatística*, realizada pela jornalista Eliane Brum. Esta fase é principalmente apoiada na análise da narrativa jornalística desenvolvida por Luiz Gonzaga da Motta. Embora sejam objetos empíricos de natureza e finalidade diferentes (um áudio visual e outro escrito), a reportagem me serve aqui de exemplo para demonstrar o que no filme se desenvolve. É com ela que se tenta perceber como é possível trabalhar de forma mais livre as histórias dos “personagens” no jornalismo. Não se torna de fato um problema essa oposição de empíricos, já que não é proposta deste artigo analisar a



estrutura fílmica de *Narradores de Javé*, senão tão somente se deter a ele como um amparo para elucidar o trabalho com narrativas orais de histórias de vida na reportagem. Sendo assim, o artigo segue para uma análise do conteúdo da reportagem, observando marcas da história oral no próprio produto acabado. Mas além disso, há aqui uma tentativa de ressaltar de que maneira as marcas dos processos de produção da reportagem podem influir no resultado final, com a intenção de enxergar a reportagem entre o trabalho nos bastidores e as análises posteriores do conteúdo. Trata-se, portanto, de uma tentativa de interdisciplinaridade teórico-metodológica buscando uma nova alternativa. É um esforço de buscar na prática jornalística elementos que reforcem os preceitos que regem as relações de comunicação entre sujeitos.

Para Motta (2013) o jornalismo é uma representação da vida e das ações do ser humano. O mundo do jornalismo, segundo ele, é o mundo da tragédia e comédia humana, onde cotidianamente vemos retratadas as conquistas e derrotas, frustrações e vitórias de heróis e vilões do dia a dia. Assim como ao historiador, ao jornalista é cobrada uma linguagem clara e objetiva, real. O aspecto mais importante, no entanto, defendido por Motta e que é usado no presente artigo é o de que a identidade do indivíduo e da sociedade se forja na reconstituição narrativa da sua história de vida. É através da construção imaginária e do uso da memória que o ser humano constrói o mundo, a representação física e social da realidade que o cerca.

Penso que o jornalismo, enquanto relato contínuo da vida, é parte constitutiva dessas formulações a respeito da realidade social e de nós mesmos. Embora fragmentado, evasivo e dispersivo, como narrativa do real, os conteúdos do jornalismo nos ajudam a experimentar o mundo e testar nossas representações da realidade. (Motta, 2013: 14)

História e tempo são questões fundamentais para este trabalho. Ainda buscando referência em Motta, para quem a narrativa é nada mais do que “empalavrar” o tempo, para o jornalismo tentar recuperar a história, a cronologia do tempo através das narrativas orais, no caso deste trabalho, significa fazer uso de uma importante representação de nós, humanos.

Vendo essa mesma correspondência entre o filme e a reportagem de Brum, o próximo passo foi analisar, à luz da história de vida e história oral, os caminhos percorridos que indicam o uso deste método tanto em *Narradores de Javé* quanto em *O Homem Estatística*. No filme, a análise se dá verificando os principais pontos da trama em que é possível reconhecer o uso, ou a referência ao uso da História de vida.

Respaldado no diálogo entre a pesquisa bibliográfica e a componente empírica, é possível perceber alguns elementos (ainda que no caso do filme, repito, caricatos) que podem facilmente ser identificados com os procedimentos realizados pelo



pesquisador/historiador em seu trabalho com narrativas orais. O próprio pressuposto da realização do filme já indica o flerte que ele faz com o trabalho do historiador. É ainda no filme que é possível analisar os procedimentos de entrevista na história oral e como, de certa maneira, esses procedimentos dão conta da postura do pesquisador frente à sua fonte. A partir daí, então, colocamos a possibilidade de utilização de tais mecanismos no processo de produção jornalística e procuramos comparar o trabalho do pesquisador/historiador, representado no filme, com o trabalho do jornalista, a partir da reportagem de Brum. Para além da comparação, este artigo pretende, ainda embasado em referências bibliográficas, sugerir como os procedimentos usados pelas pesquisas em narrativas orais de histórias de vida podem ser apropriados pelo jornalista em seu trabalho com reportagens de maior “fôlego”, traçando um caminho de quase desconstrução da mera objetividade e repasse de informações para compreender o jornalismo como um complexo processo de comunicação.

Procurou também mostrar de que forma a narrativa oral pode constituir um documento efetivo de valorização de histórias, passando e sobrevivendo de geração em geração e se tornando, apesar de uma tarefa individual, um laço de coletividade. Para tanto promoveu-se a discussão sobre identidade e memória, explorando de que forma elementos encontrados na longa-metragem podem sustentar uma análise entre a oralidade e a escrita nas narrativas orais de histórias de vida.

Considerações finais

Usar as narrativas orais de histórias de vida como matéria-prima do jornalismo, narrando a realidade e o contexto social a partir das vivências dos personagens parece uma saída metodológica interessante para o jornalista diante da necessidade de reinvenção do seu trabalho. O que é real para cada um é o que é vivido. Sendo assim, nada mais justo do que colocar as narrativas orais responsáveis pela construção da realidade de comunidades, como uma potencial fonte de informação para o jornalista.

Faz-se necessário em uma proposta como esta a aproximação com as diversas experiências da sociedade para captar as diferentes vozes, às vezes silenciadas institucionalmente, e tentar estabelecer diálogos entre entrevistador e entrevistado, reconfigurando o padrão proposto pela busca unicamente do factual. Ou seja, que profissional de fato tem tempo para esse tipo de experiência? Se deslocar da função de repórter “pautado” para assumir uma postura quase de quem se deleita ao ouvir uma boa história e, depois disso, ainda ter tempo e liberdade de rearranjar o que lhe foi



contado, de maneira que dessa vez o próprio jornalista passa a ser o narrador, não é comum e quase nem permitido. Portanto, o que foi discutido neste trabalho requer necessariamente disciplina, paciência e um tanto de criatividade do jornalista.

Também não defendo aqui que é preciso esperar a situação ideal (aliás, talvez nem acredite mesmo que possa existir tal situação). É claro que, em tempos de entrevistas feitas por e-mail e telefone, raramente o jornalista dá a sorte de estar na hora e no local certo. Mas o que se quer com este trabalho é justamente pensar em ferramentas e usos que façam o jornalista perceber que é possível tirar o pé desse acelerador e pisar um pouco no chão de terra de novo, caminhar atento simplesmente.

O repórter pode sair para entrevistar um técnico de uma reserva ambiental, por exemplo, que acaba de completar três décadas, e mostrar como funciona o trabalho de tal técnico, quais as principais dificuldades e o que mudou durante esse tempo e, enfim, confirmar aquilo que ele já sabia. Ou ele pode deixar a pauta um pouco de lado e pedir para ouvir como aquele técnico foi parar ali e descobrir, veja só, que ele está lá desde a fundação e faz parte da primeira leva de funcionários. Que o técnico na verdade veio de outro Estado com a proposta de um outro emprego que nada tinha a ver com a reserva ambiental. Mas, como acontece com quase tudo, as coisas mudaram e a vida o obrigou a procurar outros caminhos. Imagine-se a quantidade de histórias que uma pessoa assim pode contar e como, com uma narrativa assim, não só a história do parque ganha contornos mais nítidos, importantíssimos para o repórter na obtenção de informações, mas também a própria história da comunidade – as mudanças nas formas de interação social, os processos de construção individual que revelam subjetividades fundamentais para a humanização e identificação entre repórter, entrevistado e leitor.

É isso que este artigo sugere quando propõe a utilização de narrativas orais de histórias de vida no jornalismo. Mais do que uma sistematização técnica de procedimentos e paradigmas metodológicos, nas narrativas orais de história de vida o jornalista pode encontrar um parâmetro para repensar a maneira como encara o cotidiano da profissão. É ambição também deste artigo levantar a necessidade de o jornalista reaprender a ver e ouvir. A história de vida no jornalismo pode ir além do sensacionalismo barato de quando ela é usada apenas para justificar um drama maior, e ser incorporada na produção pelo jornalista de modo a ressaltar a subjetividade, levando em consideração os diferentes âmbitos da vida social e privada do ser humano, para que de fato o trabalho jornalístico contribua para a construção da memória coletiva.

Outro ponto importante que pode ser aprimorado com a ajuda das narrativas orais de histórias de vida é a própria qualidade narrativa da reportagem. O leitor está interessado em histórias comoventes, em narrativas com emoção, com sentimentos humanos, quer



se identificar com aquilo que lê. As histórias de vida fornecem esse subsídio para o jornalista trabalhar.

A busca pela informação não deve ser confundida com a frieza dos fatos. Isso é mostrado no filme, por exemplo, quando a inventividade narrativa dos personagens aflora, inclusive de maneira teatral, quando fazem seus relatos. E quando, por sua vez, Biá lança mão de uma série de construções textuais para dar mais dramaticidade e carga emocional ao que acabou de ouvir. Isso, nas narrativas oraís de histórias de vida, é fator fundamental e, sempre que possível, deve ser levado em conta.

Não à toa a escolha do lugar de entrevista é quase sempre a casa do personagem, como ocorre no filme. Ou seja, é importante na história de vida não só entender como se deu determinado acontecimento, mas buscar em elementos extraverbais como aquilo que está sendo narrado condicionou o contexto em que o narrador está inserido e, por sua vez, como ele próprio se vê diante de tudo aquilo que está contando, como ele próprio se constrói e se insere no contexto.

Não é diferente na reportagem de Brum, que foi praticamente toda realizada na casa do seu personagem, e em outros locais cotidianos para ele, onde podia se sentir à vontade, como na agência de empregos, por exemplo. Quase que em um trabalho antropológico, a utilização de narrativas oraís de história de vida pode permitir, então, ao jornalista essa possibilidade de vivenciar junto com o seu entrevistado locais da história que ele próprio vai contar adiante. Uma importante contribuição da história de vida também é a abertura que ela oferece para que o jornalista repense o seu modelo de atuação e relação com o entrevistado, porque este também vai se comportar como quem atua diante do repórter, como quem tem a necessidade de tornar o mais real e verdadeiro possível o seu relato. Ao dar apenas o mote da conversa, como sugerem a história oral e a história de vida em seus procedimentos, o jornalista se permite apreender outros tantos aspectos psicológicos do seu entrevistado, enriquecendo a sua narrativa final na reportagem.

Por fim, neste trabalho, a reflexão se faz em torno da necessidade de se adotar uma nova perspectiva do trabalho jornalístico, que pode e deve se apropriar de novos processos que o permitam uma maior liberdade de criação. E não só, é também um chamamento para a desaceleração e reflexão sobre a tarefa cotidiana do jornalista, que é também pertencente à comunidade que ele retrata diariamente. A história oral e a história de vida podem ser esse ponto de reflexão entre jornalista e sociedade, promovendo a visibilidade dos fatos escondidos, das histórias que passam despercebidas na correria do dia a dia, dos grandes personagens, para além dos ditos oficiais, e valorizando a subjetividade do indivíduo.



Referências bibliográficas

- Benjamin, W. (1994). *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. Editora Brasiliense.
- Berger, C. (2005) Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa. In Bragança & Moreira (ed.). *Comunicação, acontecimento e memória* (pp. 60-69). São Paulo: Intercom.
- Brum, E. (2008). *O Olho da Rua - Uma Repórter em Busca da Literatura da Vida Real*. Editora Globo.
- Caprino, M. P & Perazzo, P. (2009). Possibilidades inovadoras no processo jornalístico: do entrevistado/fonte ao narrador/colaborador. *Revista Galáxia*, 9(18), 100-112.
- Delgado, L. de A. N. (2003). História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista História Oral*, 6 (6), 9-25.
- Freitas, S. M. (2006). *História Oral: Procedimentos e Possibilidades*. São Paulo: Humanitas.
- Haguette, T. M. F. (1992). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Medina, C. de A. (1990). *Entrevista: o Diálogo Possível*. São Paulo: Editora Ática.
- Motta, L. G. (2013). *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora UNB.
- Resende, F. (2009). O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. *Revista Galáxia*, 18, 31-43.
- Ribeiro, A. P. G. (2015). A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. *Revista Contracampo*, 32(2), 73-90.
- Silva, H. R. K. da. (2002). Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. *MÉTIS: história & cultura*, 1(1), 25-38.
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M., & Barros, V. A. (2007). "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*, 1(1), 25-35.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo. Vol. I – Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.



João Bruno Rocha de Souza é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UFPa e mestrando em Jornalismo na Universidade Nova de Lisboa.

✉ bruno.rocha@campus.fcsh.unl.pt